

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano III nº 11 Março/Abril de 1993

DOS SETORES

Comissão Coordenadora Geral

Editorial

Neste número o Boletim está publicando quatro textos em Ponto de Vista. Nosso objetivo é continuar incentivando os colegas a produzirem trabalhos sem ter necessariamente a preocupação com critérios acadêmicos estritos que exijam outros desenvolvimentos para as idéias enunciadas. Desta forma garantimos espaço para trabalhos em diferentes níveis de elaboração.

Chamamos também a atenção para a mobilização de membros do Departamento em torno do evento Laplanche: grupos estão sendo formados para discussão dos seus textos.

Como sempre estaremos recebendo colaborações tanto a nível informativo como de texto.

Eva Wongischowski

Maria de Lourdes Caleiro Costa

cente enquanto que o número de membros novos diminuiu quase 50% de 89 para 90, 25% de 90 para 91 e 13% de 91 para 92.

Um dos aspectos que estes dados revelam é a necessidade de um trabalho de pesquisa (que já está pronto mas não foi aplicado) e de divulgação do Departamento entre alunos do Curso e ex-alunos que já foram membros do Departamento em algum momento.

Outro ponto ressaltado por estes números refere-se à necessidade de deliberação (na C.C.G. e provavelmente também em Assembleia) sobre a forma de proceder em relação à Dívida Ativa, isto é, a dívida dos membros em débito que não cancelaram sua pertinência e que continuam vinculados ao Departamento.

Finalizando segue a previsão orçamentária para o 1º semestre de 1993, feita a partir da análise dos dados aqui expostos e aprovada pela C.C.G. em fevereiro de 93.

O Relatório Contábil que segue foi enviado a cada membro da CCG antes da 1ª reunião de 1993 para que se pudesse fazer uma leitura com mais vagar, favorecendo a compreensão e o levantamento de questões; foi enviado também a Ana Leal (Eventos) Rubens Trucco (Grupo Estudos) e Wilson Klain (Publicações) já que eles acompanharam o trabalho da Tesouraria no 2º semestre de 92.

Os dados contidos neste Relatório estão em BTN+TR (índice que adotamos desde o ano de 1991) o que permite a atualização e a comparação dos valores.

Inicialmente será feito um paralelo entre a previsão orçamentária feita em Agosto/92 e os valores médios reais obtidos no 2º semestre.

	Previsão Orçamentária	Valores Reais
Recursos Humanos (secretária+encargos)	$\bar{x} = 1.210,00$ (89+90)	$\bar{x} = 939,13$
Despesas Gerais	$\bar{x} = 140,00$ (89+90)	$\bar{x} = 82,94$
Boletim	$\bar{x} = 182,00$ (89+90)	$\bar{x} = 128,55$
	1.532,00	1.150,62

Como se pode observar, a despesa real foi menor do que se previa. Entretanto, esperava-se arrecadar 13.418 BTN+TR no 2º semestre, o que não ocorreu (como se pode verificar na Tabela 1, Coluna 2º semestre/92 Entradas/Semestralidades) já que dos 120 membros quites com a anuidade em 91, apenas 68 pagaram a 1ª e a 2ª semestralidade em 92, o que equivale a 64% do total esperado. Mesmo assim, foi possível fechar o ano de 92 sem déficit e com um pequeno saldo positivo, porque houve uma entrada líquida de alguns setores (Grupo de Estudos, Publicações Percurso e Saúde Mental e Instituições) que somadas às aplicações feitas completaram favoravelmente o quadro de despesas.

A análise dos valores totais líquidos (Tabela 1, 4ª coluna) referente às Entradas mostra que:

- 63,38% é proveniente das semestralidades
- 1,34% é proveniente do Setor Saúde Mental e Instituições
- 9,77% é proveniente do Setor Grupo de Estudos
- 24,99% é proveniente do Setor Publicações Percurso.

Isto sugere que é possível diminuir um pouco o valor da semestralidade se a composição destas proporções for outra.

Já em relação as despesas, vemos que:

- 74,53% refere-se à gastos com Recursos Humanos (Secretária + encargos + vale transporte)
- 9,74% refere-se a despesas gerais (xerox, correio, material de escritório, organização de jornadas)
- 4,43% refere-se ao complemento necessário ao Setor Eventos
- 7,36% refere-se ao complemento necessário ao Setor Publicações Boletim
- 3,94% refere-se à despesas da Clínica no 1º semestre/92
- 15,75% do total líquido das Saídas corresponde à aplicações.

Como se pode observar, a maior despesa continua sendo com Recursos Humanos; além de uma entrada mais definida por parte dos Setores, o que diminuiria o custo da Semestralidade, pode ser que, a partir de 93, com a proposta do Instituto Sedes Sapientiae de discutir e normalizar um pouco os Departamentos (onde se inclui o de Psicanálise) seja possível vir a ter este custo reduzido também pela participação do Instituto nesta despesa específica (Recursos Humanos). Porém neste momento isto é apenas uma hipótese ou uma proposta a ser encaminhada futuramente ao Sedes.

Outro aspecto que merece atenção é a distribuição de membros ao longo dos anos 89, 90, 91 e 92 (tabela 2): houve uma diminuição do número de membros quites com a anuidade de 89 para 90, um pequeno aumento de 90 para 91, e uma nova queda de 91 para 92.

Entretanto o número de renovações é cres-

PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA

Recursos Humanos	x - 1.100 BTN+TR
Desp. Gerais	x - 85 BTN+TR
Boletim	x - 140 BTN+TR
Novos Programas	x - 75 BTN+TR
	1.400 BTN+TR

1.400 x 6 meses + 110 membros = 76,36

Valor Total: 76,36 BTN+TR
em MARÇO: Cr\$ 850.000,00

Pela previsão orçamentária feita em Agosto/92 para o cálculo da 2ª semestralidade, o valor desta seria de 134,18 BTN+TR. Na proposta feita foi possível fazer uma redução de aproximadamente 40% em relação

ao custo da semestralidade anterior. Esta redução só é viável se pudermos contar com a contribuição dos Setores em proporções equivalentes às de 92 e também com o pagamento em dia de todos os membros.

Sonia Maria Rio Neves
Tesoureira Gestão 91/92

TABELA 1

BTN + TR Des. 5.599,60	1ª Semestre/92		2ª Semestre/92		Total/92		Total Líquido	
	entradas	saídas	entradas	saídas	entradas	saídas		
31/12/91 SALDO	606,49							
Semestre	7.568,82	-----	6.031,38	-----	13.400,20	-----	11.390,17	63,38%
Eventos	161,71	1.092,01	2.922,58	2.766,04	3.084,29	3.858,05	- 773,76	- 4,43%
Clinica		34,04 US\$ 280 - 653,05				34,04 US\$ 653,05	- 34,04 - 653,05	3,94%
Curso								
S. Mental I		122,98	(364,09)	1,32	(364,09)	124,30	+ 239,79	1,34%
Gr Estudos	715,08	295,65	1.414,92	79,80	2.130,00	375,45	+ 1.754,55	9,77%
P. Percurso	1.340,14 (+ 15% 946,78)	642,90	3.830,76 (15% 940,70)	1.888,65	5.170,90 (15% 1.851,48)	2.531,55	+ 2.639,35 (15% 1.851,48)	24,99%
P. Boletim	221,95	1.089,23	20,91	439,12* (332,81 Jan)	242,86	1.528,35 (+ 332,81 Jan)	- 1.285,49	- 7,36%
Apostilas	93,43				93,43		+ 93,43	0,52%
Supr. Caixa	3.335,19	-----	1.108,70	-----	4.443,89			
Secretaria	-----	6.292,60	-----	4.756,76	-----	11.049,36		74,53%
Encargos	-----	1.094,86	-----	878,03	-----	1.972,89		74,53%
Desp. Geral	-----	840,99	-----	(364,09) 497,65	-----	1.702,75		9,74%
Aplicações	-----	1.654,95	-----	1.659,20	-----	3.314,15		15,75%
	9.901,13 4.424,02*		14.584,64 1.108,70					
TOTAL	14.145,15	13.077,60	15.693,34	13.332,46	29.838,49	26.410,06		

3.248,43

TABELA 2

Listaagem Inicial 1988	89
Incluiu-se -	5
Total	94
Dados referentes ao ano de 1989	
Membros do Depto quites c/Anuidade	104 (57 renovaram)
Membros do Depto devedores	37
Membros do Depto à partir 89 (novos)	47 (104 + 57 - 47)
	140
Dados referentes ao ano de 1990	
Membros do Depto quites c/Anuidade	57 (76 renovaram)
Membros do Depto devedores	65
Membros do Depto à partir/90 (novos)	21
	161
Dados referentes ao Ano de 1991	
Membros do Depto quites c/Anuidade	120
Membros do Depto devedores	57
Membros do Depto à partir de 1991 (novos)	16
	177
Dados referentes ao Ano de 1992	
Membros do Depto quites c/Anuidades 1º semestre	96
Membros do Depto quites c/Anuidades 1º e 2º semestre	68 (até 31/12/92)
Membros do Depto Devedores 2º semestre	45
Membros do Depto Devedores 1º e 2º semestre	44
Membros do Depto à partir de 1992 (novos)	24
	157 (68 + 45 + 44)

DOS SETORES

Eventos

Agenda

1. O Setor de Eventos já deu início às suas atividades para este ano. Junto com o Setor Saúde Mental e Instituições e a revista *Percurso* promoveu no dia 20/03 um encontro dos leitores de *Percurso* com os articulistas da revista de nº 9.
2. O ano de 1993, marca 60 anos da morte de Ferenczi. Junto com a revista *Percurso* nº 10 que abordará textos sobre este autor, realizaremos em junho um evento comemorativo do 5º ano da revista.
3. No 2º semestre estaremos recebendo o renomado psicanalista JEAN LAPLANCHE que realizará duas conferências no Centro de Convenções Rebouças nos dias 31 de Agosto e 02 de Setembro às 20 horas.

DOS SETORES

Eventos

Laplanche - Grupos de Estudos

Caro Colega,

O Departamento de Psicanálise está organizando a vinda do Dr. JEAN LAPLANCHE em agosto/setembro de 93. Duas conferências serão proferidas pelo Dr. Laplanche, no Centro de Convenções Rebouças, nos dias 31 de agosto e 02 de novembro sobre os seguintes temas:

- I - "Interpretação e tradução";
- II - "A Revolução Copernicana e o problema do outro".

Apesar de sabermos que a obra do autor não é desconhecida pois, inclusive, em diversas ocasiões esteve incluída na programação do Curso, pensamos que o maior conhecimento de seus escritos proporcionaria um melhor aproveitamento do evento.

É por isso que estamos sugerindo aos membros do Departamento a formação de grupos de trabalho. Se você conhece alguns colegas interessados, forme um grupo para começar a trabalhar. Se você tem interesse em fazer parte de um grupo, ou quiser alguma orientação bibliográfica entre em contato com as pessoas envolvidas no evento.

1. Comissão Organizadora
Ana Mª Sigal / Renato Mezan /
Sílvia Alonso
2. Setor de Eventos
Adriana De Bona / Ana S. Leal / Cecília Galli / Jassanan A. Dias Pastore / Lillian Quinto / Maria Stella S. Leite / Mário Fuks
3. Secretaria do Departamento (sala 24)
Rose / Mª José (Secretária do Evento)

*Comissão Organizadora
Evento Laplanche*

DOS SETORES

Eventos

Dr. Jean Laplanche - Conferências no Sedes

A obra e o pensamento de Jean Laplanche nos põem em contato com um psicanalista que tem trabalhado e investigado intensamente a obra freudiana, que seguiu caminhos interrompidos por Freud e tem criado um pensamento novo e próprio. Conceitos como o de significante enigmático, pulsão sexual de morte, a teoria de sedução generalizada abriram novos rumos na clínica. O "Vocabulário de Psicanálise" foi a primeira obra que chegou até nós, publicada em Paris no ano de 1967 em conjunto com

Fontalis; esta obra tem servido de apoio e orientado muitos de nós na leitura de Freud. "Fantasme originaire, fantasme des origines et origine du fantasme" apareceu em 1964. A partir desta data publicou:

- "Vie et mort de la psychanalyse", Paris 1970
- "Problematicques I: L'angoisse", Paris 1980
- "Problematicques II: Castration - symbolisation", Paris 1980

- "Problematicques III: La sublimation", Paris 1980
- "Problematicques IV: L'inconscient et le ça", Paris 1981
- "Problematicques V: Le Bahquet-transcendance du transfert", Paris 1987
- "Nouveaux fondements pour la psychanalyse", Paris 1987
- "Traduir Freud" (en collaboration avec A. Bouguignon, P. Cotet, F. Robert) 1989
- "La revolution copernicienne inachevée", Paris 1992.

Vários destes livros já foram traduzidos para o português. Estas leituras motivaram o desejo de um encontro pessoal com Laplanche, que nos permita ouvir e conhecer suas elaborações mais recentes. Pensamos ser um privilégio para o Sedes e para o Departamento de Psicanálise ter Laplanche em São Paulo. É um encontro muito almejado que estamos tentando realizar desde 1985, data em que tivemos o primeiro encontro com Laplanche em Paris quando o convidamos, em nome do Sedes, para vir falar no Brasil. Reencontramos Laplanche em Buenos Aires, em 1991, ocasião em que nos

deu uma entrevista (ver Percurso nº 5/6) onde reafirmou o contato, o que nos permitiu concretizar este evento programado para agosto e setembro de 1993. O Setor Eventos do Departamento está organizando duas conferências que serão oferecidas em conjunto para que tenhamos a possibilidade de acompanhar com maior intensidade o desenvolvimento de suas idéias. Uma das conferências será sobre "A Interpretação em relação à teoria de tradução do recalque" e a outra sobre "A Revolução copernicana e o problema do outro". Segundo

nos disse o próprio Laplanche em ambas considerará o problema da transferência. Esta é apenas uma primeira aproximação com o evento que já foi confirmado pelo Dr. Laplanche. Seria desejável que se formassem grupos dentro do Departamento para ler a bibliografia que nos tem chegado e que a comissão a colocasse à disposição dos interessados. Serão publicadas outras informações no próximo Boletim.

Ana Maria Sigal

REPORTAGEM

Alunos do Curso e Percurso - Ensaio para um Diálogo

Quando entrei para o Setor Publicações, no grupo que produz a Percurso, interessei-me por uma proposta tímida que se esboçava no grupo para a elaboração de uma pesquisa através da qual poderíamos conhecer melhor nossos leitores.

Gostei da idéia de desenvolver um trabalho mais próximo aos leitores. Considerava que um espaço de interlocução entre a revista e seus leitores fazia parte de um movimento de consolidação da revista enquanto veículo de comunicação, mediante a possibilidade de ouvir demandas, opiniões e sugestões, sem com isso perder sua identidade, sua marca singular. No meu modo de pensar, uma revista se faz a partir de quem a concebe e quem a lê. A matéria escrita e divulgada se presta à construção de um conhecimento que se faz no debate. Na sua capacidade de provocar discussões e gerar questões, instiga a vitalização do que sem a crítica alheia não seria mais que letra morta. Com essas idéias organizei uma pesquisa que desenvolveu-se no final do ano de 1992, com uma amostra dos alunos do 1º, 2º, 3º e 4º ano. Compunha-se de entrevistas com perguntas abertas que davam oportunidade ao surgimento de respostas livres, carregadas de subjetividade, e expressões de pontos de vista vários. A escolha desse método deu-se por não se tratar de uma pesquisa com a finalidade de obter informações precisas que levassem a inferências generalizáveis, tão pouco ao estabelecimento de relações de causalidade, associação, ou quaisquer outras de caráter probabilístico. O objetivo era fazer um estudo exploratório, num grupo determinado - os alunos - com a finalidade de conhecer algumas de suas opiniões, sugestões e críticas e

permitir-lhes um meio de interlocução com a revista.

O resultado desse trabalho nos trouxe as seguintes informações:

1. Entre os entrevistados 47,05% eram assinantes e 52,95% não. Esse dado reduz a tendenciosidade dos achados qualitativos, porque refere-se a opiniões de assinantes e não-assinantes em proporções semelhantes.
 2. Dos entrevistados 52,95% tinham vínculo de trabalho ou estudo com outra instituição.
 3. 64,71% conheceram a revista no Sedes, dos quais 35,29% quando entraram no curso. Os 35,29% restantes conheceram-na fora do Sedes, mas através de pessoas ligadas ao mesmo.
 4. Em 94,00% das respostas sobre sua forma (apresentação, tamanho, periodicidade, preço) a revista foi descrita como "linda, de qualidade excelente, preço razoável, periodicidade boa".
 5. Em 90,00% das respostas sobre seu conteúdo (artigos, resenhas, crônicas, entrevistas), os entrevistados disseram gostar dos textos. Alguns deles acrescentaram que:
 - os temas são tratados com rigor, a revista tem densidade.
 - os assuntos atendem às suas questões teórico-clínicas.
 - a leitura é interessante, agradável.
 - os textos são instigantes, criativos.
 - é interessante ler o que as pessoas do Departamento estão produzindo.
- Os 10,00% restantes disseram não poderem opinar porque não lêem a Percurso.

6. Listamos textualmente algumas críticas e sugestões apresentadas pelos entrevistados, procurando usar de suas próprias palavras e termos. Procedemos cada informação por dois dados: assinante (A) ou não assinante (NA) e o ano que frequentava no curso:

- NA, 1º ano:

Gostaria que tivessem mais artigos sobre Instituições e sobre psicose, seus temas de maior interesse. Propõe que haja um preço menor para os alunos do curso. Gostaria de saber como são selecionados os artigos e as monografias para publicação. Sugere que se crie um espaço para monografias, talvez eleitas pelos próprios alunos de cada turma, representando o pensamento de cada grupo.

- NA, 1º ano:

Considera que a revista circula em espaço fechado. Sugere que quando sai um nº novo, seja levado nas salas de aula e apresentado aos alunos. Diz que se vê a revista fica com vontade de comprar. Propõe que os alunos possam levar revistas em consignação para vender nos seus locais de trabalho.

- NA, 1º ano:

Sugere que o preço da assinatura possa ser parcelado. Sugere que se divulguem os números em Serviços de Psicologia de Hospitais e Instituições. Os próprios alunos poderiam ajudar nisso. Sente-se muito distante do departamento e da revista.

- NA, 2º ano:

Não tem nada a criticar na revista. Sugere a intensificação do trabalho de divulgação através de promoções, descontos, etc. sugere que se coloquem mais artigos

- clínicos e façam alguns números temáticos, com diversas pessoas e linhas opinando sobre um mesmo tema.
- A, 2º ano:
Acha que os artigos são muito fechados em si mesmos e podiam ser escritos de uma forma mais clara mantendo a mesma profundidade de conteúdo. O último nº (nº 8) especialmente, está muito hermético. Gostaria que se colocassem artigos de outras linhas e tendências.
- A, 2º ano:
Não tem críticas porque considera Percurso um produto pronto, acabado, excelente. Sugere a participação dos alunos na escolha de temas e autores. Ou então, temas ligados aos seminários que estão sendo ministrados no ano.
- NA, 3º ano:
Gosta da revista mas não tem sentido vontade de ler os artigos porque conhece as pessoas que escrevem e sabe as questões que vai encontrar. Acha que a revista é muito asséptica e prioriza o seu aspecto de ser voltada para o estudo e não para a comunicação. Acha que poderia ter uma sessão de monografias, que são textos mais informais, mais próximos, mas que também fazem parte da formação.
- A, 3º ano:
Sugere que divulguemos a revista em centros universitários, diretórios acadêmicos, eventos externos. Sugere que divulguemos uma ideia sua: dar um nº de Percurso de presente de fim de ano para colegas a quem se mandaria uma lembrança.
- NA, 3º ano:
Acha que a revista é distante e fechada e assim como o Departamento é uma coisa que não caminha, não sabe porque. Talvez porque esteja longe das questões dos alunos.
- A, 3º ano:
Gostou mais dos primeiros nºs, depois a revista foi tornando-se muito hermética. Gostaria que se apresentassem mais textos clínicos. Gostaria também que houvesse uma orientação para aqueles que quisessem publicar um artigo pois sabe que com frequência artigos são rejeitados e considera isso muito desestimulante para quem escreve.
- NA, 4º ano:
Sugere que acolham-se várias linhas teóricas e práticas da Psicanálise sempre que possível, ou seja, que se tome cuidado com ideologias e dogmatismos tendenciosos.
- NA, 4º ano:
Sugere que a revista seja embalada num envelope que a proteja, para não sujar nem estragar durante a entrega. Sugere ampliar a publicação de textos neo-kleinianos e de Ferenczi.
- A, 4º ano:
Sugere que as revistas tenham meses fixos para saírem. Acha que há excesso de trabalhos com temas sociais e gostaria de mais textos clínicos. Faltam entrevistas com brasileiros.
- A, 4º ano:
Considera o nº 5/6 exemplar, a nº 2 parecia ter aberto espaço para a interlocução com outros saberes, prática que poderia ser mantida. O setor agendas poderia divulgar eventos não apenas do Sedes.
- A, 4º ano:
Gostaria que se publicassem mais textos clínicos. Sugere que a revista publique outras tendências, e seja veículo de pensamentos diferenciados no próprio debate interno da instituição do curso e Departamento, como já existem na prática. Desses achados qualitativos observamos que a Percurso é uma revista admirada pelos alunos, que não parecem querer que ela se modifique estruturalmente. Entretanto estes se ressentem de uma distância da revista que poderia, talvez, ser diminuída através de:
 - um contato maior da equipe nas salas de aula, mostrando e falando sobre a revista.
 - uma proposta de participação na divulgação da Percurso fora do Sedes em seus locais de trabalho, por exemplo.
 - um "setor" dentro da revista que cuidasse da comunicação com os leitores, respondendo as suas perguntas, formulando-lhes outras, criando assim, um espaço de troca que aproximasse a revista e os leitores.
 - observar alguns temas propostos por leitores, por exemplo, mais textos clínicos.
 Com estes resultados pudemos compor um retrato da revista sob o foco dado pelos alunos do Curso. Tratou-se de um trabalho preliminar, cuja principal contribuição foi trazer-nos algumas questões e intermediar a construção de um espaço de diálogo entre a revista e seus leitores, começando pelos alunos. Divulgá-lo neste Boletim, parece-me um retorno importante tanto àqueles alunos que gentilmente concordaram em dar sua colaboração no processo das entrevistas, quanto a todos que se interessarem por conhecer alguns dados que se apresentaram para nós como apontamentos para pensarmos melhor o nosso trabalho.

Isabel Cristina Rios

REPORTAGEM

Evento Saúde Mental e Percurso

Saf do evento do dia 20 particularmente satisfeita. A vontade de ouvir o que os leitores tinham a dizer sobre "Percurso" era antiga e ecos individuais já encontravam vias de chegar até nós. Mas, esta forma de propiciar o encontro dos leitores com os autores é muito mais do que no começo tínhamos pensado.

Autores e leitores não são grupos separados; o autor de um artigo é leitor de outros e cada leitor é um escritor em potencial. Juntá-los é criar um espaço de interlocução

no qual os artigos e suas diferentes leituras possam multiplicar seus sentidos, no qual um ponto final se transforma numa vírgula para prosseguir criando, pensando, questionando.

Neste primeiro encontro houve um momento dedicado ao reconhecimento da revista, do seu conteúdo, do trabalho e de sua contribuição para uma identidade institucional. Houve um segundo momento no qual as questões se voltaram para o trabalho editorial: os bastidores da revista, sua função

técnica, sua função política - questões delicadas que retornam, tais como as recusas de artigos ou as sugestões de modificações. Dentre estas questões algumas puderam ser esclarecidas através dos depoimentos de articulistas presentes ao evento, outras permanecem. O prosseguimento da interlocução "Percurso"- leitores passa pelo interesse de manutenção de um canal onde as críticas e outras questões possam fluir construtivamente. No terceiro momento foram abordados muitos aspectos interessantes: o

trabalho da escrita - a angústia e a luta de colocar em palavras; como é visto o trabalho de terapia grupal; a historicidade da Psicanálise. Não me estendo mais, pois não me proponho a esgotar as questões levantadas, mas a falar dos efeitos possíveis desta interlocução. E aqui volto um pouco ao que eu dizia no início - a satisfação de ver os efeitos multiplicadores que a existência da

revista está produzindo. E pode vir a produzir... Penso que ainda trabalhamos timidamente, que a interlocução pode vir a ser mais séria e consistente, com menos medo do confronto de idéias e da especificação das diferenças. Particularmente acho que esta é uma das práticas que menos sabemos fazer.

Esta possibilidade é algo que por um lado nos define e por outro ainda praticamos pouco.

Temos um novo espaço de trabalho. Que possamos fazer bom uso dele!

Kitty Haasz

PONTO DE VISTA

"Psicanálise e Literatura"

Desde há alguns anos venho me interessando pelas relações entre os campos da Literatura e da Psicanálise, o que veio desembocar na atual elaboração da minha tese de mestrado sobre o livro "As Mil e Uma Noites", na área de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Gostaria de traçar aqui alguns pontos de confluência entre esses distintos rios de palavras - a Psicanálise, cura pela fala, como definida por Anna O. e a Literatura de tradição oral, mais especificamente. Tomo a noção de literatura oral no sentido restrito, de um texto narrado de viva voz na presença de uma audiência, texto este pautado por um saber coletivo, constituindo um corpo tradicional que tende a ser conservado por uma transmissão incessante. Dentro desta definição, que comportaria muitos comentários e modulações, assinalo apenas as interessantes imbricações entre o registro escrito e aquele propriamente oral, num movimento de ir e vir entre esses dois níveis, isto é, com trânsitos multidirecionais entre o escrito e o oralizado.

Quanto à clínica da Psicanálise, também podemos pensá-la como o tecimento de um texto oral de viva voz para um analista em posição de escuta. A regra fundamental - tudo dizer, dizer o que quer que seja -, sabemos que nos implica num campo tal, que é o de uma fala que tudo é, menos

casual, porque sobredeterminada. O dispositivo de funcionamento de uma análise supõe mesmo um operador que permita a leitura do texto no après coup da fala e torna paradoxal a posição de analista. Para ocupar este lugar, isto é, escutar o sujeito que fala, o analista tem de ser, antes de mais nada, o leitor de um escrito.

Ora, isto nos leva a pensar no que seria a sobredeterminação no seu valor de escrito, tal como Freud nos colocou, por exemplo, no texto "O Bloco Mágico", um escrito borrado, mas passível de leitura sob determinadas condições, exatamente porque foi fixado num determinado registro, cujo enorme poder de trânsito, de tradutibilidade, implica numa implícita presentificação. A imagem freudiana do analista como o decifrador de uma língua hieroglífica, estranha e arcaica, cujos sinais, no entanto, se fazem presentes na fala do sujeito, aponta para o analista na sua função de construtor de um passado ao mesmo tempo, remoto e atual.

Já os desenvolvimentos lucanianos retribuíam a marca da sobredeterminação na sua dimensão escritural a partir de um discurso, de um dito que vem do Outro e inscreve o sujeito numa espécie de ditado. Podemos então nos perguntar pelo papel da tradição, da conservação deste discurso ancestral num sujeito tomado pela letra alheia - e

própria ao mesmo tempo! - captado nesta trama discursiva que chega desde um Outro lugar.

Parece evidente para nós, analistas, que não basta construir em análise o discurso do Outro e enfrentar o sujeito com a sua pregnância a esta letra, à autoridade desta letra para destinar a sua vida. É preciso ir além, fazer um outro passo, atravessar mais uma passagem, agora a fala que se volta sobre o escrito, num des-dito: dizer o escrito para se negar à desdita do Destino.

A letra há de ser pronunciada, não porque tenhamos como apagá-la, mas para desentranhá-la do sujeito, descartando o sentido que tomou para ele. É como se, neste momento da análise, o simples ato de um diz-dizer esvaziasse o caráter inexorável e único do seu ser, abrindo um leque de outras possibilidades.

A fala do sujeito sobre o escrito assinalaria uma reviravolta em relação a sua sobredeterminação e colocaria este sujeito num movimento de retomada da tradição desde uma outra posição: não a mera e automática repetição, mas a possibilidade de autorização para a escritura do seu próprio nome. Aqui o sujeito assina uma autoria com relação a sua história, acrescentando o seu ponto ao conto da tradição, sob a égide do desejo.

Daisy Wajnberg

PONTO DE VISTA

A Psicanálise no Contexto Institucional: Algumas Reflexões

Partindo de uma prática clínica em instituição pública de saúde mental, venho refletindo sobre a possibilidade de inserção da Psicanálise neste contexto e a forma como esta pode se dar.

Situando a Psicanálise como uma teoria,

um método e uma técnica, observa-se que, enquanto teoria, ela possibilita tanto a compreensão do processo de constituição da subjetividade, como do funcionamento psíquico do indivíduo. Utiliza, para tanto, um método próprio de investigação baseado

principalmente nas livres associações. Como técnica, oferece condições para decifrar as manifestações do inconsciente, libertando o desejo de seu aprisionamento patológico e possibilitando o resgate de novas vias de expressão.

Assim, a Psicanálise torna-se acessível a todo aquele que, possuindo um sofrimento psíquico, busque ser auxiliado nesta condição. Citando P. Fédida: "Não há simplesmente normal e patológico. (...), a descoberta da psicanálise consiste na possibilidade da experiência interno do que é o psicopatológico" (1).

Retomando a questão da sua inserção na saúde mental pública, convém assinalar que este não é um tema novo. Freud, já em 1918, havia levantado a preocupação de que no futuro houvesse Instituições públicas que atendessem "(...) a enorme quantidade de miséria neurótica que existe no mundo" (2), propondo inclusive a adaptação da técnica psicanalítica às novas condições de sua prática.

Sem dúvida, é impossível conceber a psicanálise à margem ou descompromissada com a sociedade. Não se pode igualmente desconsiderar as determinações histórico-sociais, as quais constituem-se numa realidade que atravessa o real psíquico, intervindo, juntamente com a história individual, na estruturação de cada subjetividade.

Principalmente nas Instituições, os fatores econômicos, sociais e políticos influem mais diretamente na constituição de um campo específico dentro do qual se estabelecem as relações entre a população que demanda ajuda e os profissionais que a possibilitam.

A introdução da psicanálise neste contexto pode constituir-se, assim, num instrumento para a compreensão dessas relações que se estruturam tanto ao nível do funcionamento institucional, como na própria situação terapêutica.

Essa inserção pode levar a um fazer transformador, na medida em que oferece um referencial teórico fundamental para a es-

cuta e compreensão da demanda latente do indivíduo e da instituição. Possibilita, ainda, o resgate do sentido no manifesto do conflito, seja ele do paciente ou do sistema institucional.

De que forma pode, então, a Psicanálise introduzir-se como técnica terapêutica nesse contexto específico?

É preciso considerar que uma condição fundamental para que se dê a estruturação do campo analítico é a existência de alguém que busca ajuda e de um profissional que se disponha a ouvi-lo em seu pedido.

Configura-se, assim, o campo em que pode se estruturar a relação transferencial, criando-se condições para a manifestação do inconsciente. Pelo exercício da escuta analítica é possível captar os seus efeitos e, pela interpretação, pode-se resgatar o sentido existente em suas produções.

Partindo dessas concepções, esse campo relacional pode ser estabelecido dentro da instituição. Porém, deve-se considerar que a especificidade do contexto institucional coloca limites na estruturação e manejo do dispositivo técnico analítico, tomando necessárias alterações que viabilizem o trabalho terapêutico.

Pode-se questionar, no entanto, que tais alterações descaracterizam a prática institucional enquanto Psicanálise, considerando-a como psicoterapia breve, grupal, etc.

Apesar dessas questões técnicas, o que importa ressaltar é que o trabalho em saúde mental pública pode, e deve, manter um objetivo analítico, o qual será alcançado se for possível propiciar aos pacientes não só a simples remissão dos sintomas mas, principalmente, alguma compreensão do sentido do seu sofrimento psíquico.

Portanto, uma prática clínica que seja, ao mesmo tempo, compromissada com essa

realidade institucional e coerente com a formação em Psicanálise, é aquela que propicia, em alguma medida, condições para que o indivíduo possa se perceber enquanto sujeito de sua história e descobrir formas mais criativas de participação na realidade. É, finalmente, a partir da articulação entre a prática clínica nas Instituições e os enriquecimentos teóricos dela resultantes, que se possibilitará a conseqüente construção de um saber analítico próprio dessa realidade.

Freud, em seu trabalho "As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica", já havia colocado a possibilidade de ampliação das fronteiras da psicanálise para campos que a princípio não eram considerados como seu objeto de estudo.

É justamente por pensar que a prática institucional em saúde mental constitui-se em um desses campos que considero importantes as palavras de Jurandir Freire Costa sobre a contribuição do psicanalista na instituição: "(...) dentro dos limites da psicanálise, ele pode fazer um trabalho tão bom quanto no consultório, nem menor, nem menos nobre, nem menos digno" (3).

Rita de Cássia Silva de Sillos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) FÉDIDA, P. Clínica psicanalítica: Estudos. São Paulo, Escuta, 1988.
- (2) FREUD, S. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. Rio de Janeiro, Imago, s.d. V. XVII, p. 199-211 (Edição Standard Brasileira).
- (3) COSTA, J. F. As faces da violência (2ª parte) Percurso. São Paulo, 1 (2): 46-54, jun. 1989.

PONTO DE VISTA

Seminário e Produção Teórica

O seminário Teoria das Pulsões do ano de 1991 deu origem a uma infinidade de questionamentos que eu e mais alguns participantes do grupo. Cleusa Pavan, Marta S. Palhares e Suzana Pacheco ousamos encerrar e trabalhar, com vistas à produção de um texto.

Depois de muitos rodeios, chegamos à conclusão de que deveríamos partir de dois casos clínicos, um de anorexia e outro de neoplasia de pele, com claras implicações psíquicas, para tentar dar conta de nosso

objetivo que era o de lançar alguma luz sobre a operacionalidade do conceito de pulsão na clínica, mais precisamente sobre a operacionalidade do conceito de pulsão de morte na clínica.

Transitamos bastante pelo biológico e pelo físico em Freud, montando e desmontando algumas idéias, aprofundando-nos em conhecimentos biológicos e físicos da atualidade, e um novo quebra-cabeças foi montado.

No primeiro caso, o de anorexia, através do manejo do conceito de recalqueamento, mecanismo subjacente à formação clínica em questão claramente histórica, conseguimos dar conta do nosso projeto sem maiores complicações.

Já, no segundo caso, a natureza Psicossomática bastante evidente em questão, colocou-nos de cara diante de um problema: os conceitos de recalque, recusa e rejeição enquanto mecanismos subjacentes à dife-

rentes formações clínicas, não deram conta da explicitação desta formação.

A partir da evolução clínica específica deste caso, esboçamos um outro mecanismo, dentro do corpo teórico da psicanálise, para trabalhar com esta vicissitude clínica.

Este mecanismo que denominamos *repulsa castração*, numa tentativa de marcá-lo como distinto dos demais já conhecidos, está detalhadamente construído no texto e, a nosso ver, dá conta do caso e de alguns aspectos da questão psicossomática, tão polêmica dentro do corpo teórico psicanalítico e dos desenvolvimentos teóricos mais atuais sobre psicossomática.

Trabalhando com concepções teóricas, tais como o princípio de incerteza de Heisen-

berg, os experimentos de Prigogini, as concepções da relatividade de Einstein, foi possível estabelecer articulações em torno do conceito de transferência em Freud e a partir daí propor uma operacionalidade para o conceito de pulso.

As concepções atuais sobre o caos e os fractais, clarearam muito a construção de uma abordagem transferencial.

Os fractais como preâmbulos do caos mostram a possibilidade de um rastreamento das posições e lugares que o analisante pode ocupar durante uma sessão psicanalítica. A partir daí pode-se tentar a construção de uma topologia que dê conta das posições e lugares edípicos ocupados e desocupados dentro desta constelação.

A teorização do caos, mostra-nos como se pode escapar das malhas das teorias representacionais num sentido freudiano e das malhas e determinações da teoria do signifiante, mais propriamente lacanianas.

Tudo isso tenta-se demonstrar a partir dos casos clínicos, tendo-os sempre como norteadores da pesquisa.

Acredito que foi possível dar apenas um flash desses desenvolvimentos, pois o assunto é bastante amplo e intrincado.

O texto pretende dar conta de algumas singularidades dos dois casos apresentados.

Alcimar Alves de Souza Lima

PONTO DE VISTA

Uma Situação de Trânsito

Muito se tem dito e escrito na imprensa, em geral, sobre o caótico trânsito de veículos em São Paulo. Chegou a ser descrito por uma especialista estrangeira como "um fenômeno que funciona". Na época em que Freud vivia e escrevia sua teoria, a própria época foi tema para suas especulações. Por exemplo, descreve entre nostálgico e estupefato a anulação da sensação de distância que o telefone proporciona. A teoria psicanalítica supõe um caminho de desenvolvimento (podemos sugerir evolução/evolutivo) que vai do auto-erotismo à relação objetal - da chupeta ao ao Outro. Portanto quando se refere ao telefone o toma em termos de investimento libidinal envolvido - uma mãe que tem o filho afastado de si pela guerra pode senti-lo próximo (do seu corpo). Freud era otimista em seu apregoado pessimismo. Acreditava no poder transformador da alma humana - um trânsito em direção à relação com o Outro. Nós, "cá embaixo" vivemos de outro modo, ou a realidade se expõe de modo mais direto (talvez

demasiadamente humana). Sejamos então otimistas no pessimismo.

Aproveitando o trânsito de veículos e o trânsito do investimento libidinal proponho uma breve especulação psicanalítica acerca da constrangedora experiência de ser motorista de automóvel em São Paulo.

A começar, o próprio momento de transição. Ficamos poderosos ao abandonarmos a humilhante, na sua cruel sujeição, condição de pedestre. E com o poder mágico de estarmos nos locomovendo de dentro. Acho que cabe a metáfora de um bebê dirigindo a barriga da mãe. Esta passagem é um marco - talvez regressivo (da relação objetal ao narcisismo)? Talvez nesta passagem o Outro passe a ser visto como um obstáculo a ser ultrapassado, negado, desviado. Como se uma espécie de des investimento ocorresse. Regras simples são esquecidas (como por exemplo dar sinal para mudar de faixa, manter-se na faixa, não ultrapassar o farol de pedestre.)

Nestas simples e corriqueiras infrações / contravenções está em jogo a negação da

possibilidade da morte - atropelamento, negação da morte alheia e também a própria. Vive - se uma espécie de guerra surda. Para encerrar, mencionarei a que mais pessoalmente tem me perturbado. Trata - se da impossibilidade de parar ou seja, se por alguma razão o motorista se vê impossibilitado de seguir o fluxo de trânsito, corre o risco de ser esmagado. Não há a mais remota chance de haver qualquer vestígio de singularidade. As pessoas se tratam como obstáculo em média e às vezes como inimigos só raramente concedendo ao outro o status de amigo, conhecido ou semelhante. Muitas vezes pode acontecer de um mal estar súbito acometer o motorista ou mesmo de ele estar muito triste. E daí?

Portanto nesta situação o trânsito libidinal parece seguir justo o oposto sugerido por Freud - da relação objetal ao auto - erotismo - da relação com o Outro para "cadê a minha chupeta". "sai da frente que estou com sono" e por aí afora.

Elisabeth Antonelli Gaiarsa

NOTAS

1. Projeto da Clínica:

Foi apresentado em 30/03/93 no Espaço Aberto o novo projeto da Clínica do Instituto Sedes Sapientiae. Na ocasião pudemos contar com a presença de colegas que se mostraram interessados em engajar-se ativamente na continuidade dos trabalhos.

2. Dando continuidade à criação de novos espaços de debate será realizado um encontro com David Calderoni, autor do artigo "ÉDIPO E TRANSFERÊNCIA À PARTIR DE DORA" publicado no último Percurso.

Dia: 06/maio/93, quinta-feira, às 21:30 hs.
Local: Sedes Sapientiae

Assembléia Geral

Dia 15 de Maio de 1993 às 9:30 horas
Sábado - Sedes - Sala 05.

Pedro H. Lakatos

Massagem integrativa
Stress - Dores Musculares - Clíntica Umbago
Atendimento à domicilio com mesa de massagem própria.
Tel.: 844.8443

Congresso Sandor Ferenczi

18 - 21 Julho / Budapest
Passagens e Hospedagens com preços especiais
Agnes Neumann - 257.1862

Clarissa Silbiger Lollitta

Comunica a mudança de endereço de seu consultório
Rua Bento de Andrade, 526
Tel.: 883.6087

Conselho Editorial

Anna Correia, Eva Wongtschowski, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Sonia Maria Rio Neves

Produção Gráfica

AD Tecnologia Gráfica Laser - Tel.: 887-0518

Impressão

AD Tecnologia Gráfica Laser - Tel.: 887-0518

Tiragem

400 Exemplares

Redação, Administração e Correspondência

R. Ministro de Godoy, 1484 - CEP 05015 - São Paulo/SP - Tel.: 262-8024